



Iole de Freitas, *Pés (Feet)*, Milão, 1972

IOLE DE FREITAS, ANOS 1970 IMAGEM COMO PRESENÇA

Leveza, fluidez, transparência, movimento, tensão, imagens etéreas e fragmentadas em possibilidades surpreendentes são algumas das características contidas nos trabalhos inaugurais de Iole de Freitas, em exposição no IMS Paulista a partir do dia 6 de maio. A mostra reúne um importante conjunto de obras da artista, realizadas na década de 1970, época em que morava em Milão. Àquela altura, a arte, assim como os acontecimentos políticos, mostrava-se inquieta – e dessa inquietação surgiam práticas, processos e materiais inovadores, num amplo repertório de experimentações.

Inovação e criatividade são linhas muito bem definidas no composto orgânico de todos os trabalhos de Iole. Em seus filmes Super 8, por exemplo, já conseguia reunir, a um só tempo, a poesia e a estética da arte em movimento.

Após 18 anos de experiência com a dança, Iole iniciou a produção de performances, nas quais se fotografava ou se filmava, lidando inclusive com a dispersão de sua própria imagem em fragmentos de espelhos, numa interseção entre *body art*, performance e filme experimental.

Foto: Isa Gebara

Iole de Freitas, anos 1970 / Imagem como presença traz uma seleção de 16 sequências fotográficas, nove filmes e três instalações. A maior parte das obras é pouco conhecida, ou até mesmo inédita para o público brasileiro. A curadoria é de Sônia Salzstein, professora de história e teoria da arte, além de diretora do Instituto de Estudos Brasileiros da USP.

O ABRAÇO DA INSTALAÇÃO

Ao falar sobre o processo criativo da exposição, Iole revela que contou com o apoio de toda a equipe do IMS Paulista para realizar o trabalho como havia imaginado. *“Eu queria que essa exposição fosse, em si, uma instalação; um trabalho meu, mesmo. E assim aconteceu.*





Iole de Freitas, *Jump to the other side and win a red kimono* (Atravesse o vidro e ganhe um kimono vermelho), Milão, 1972

Desenhei o espaço e conseguimos, inclusive, colocar duas placas de policarbonato – aquelas jateadas de 6 metros, com que estou acostumada a trabalhar – apoiadas no chão, atirantadas com cabos na parede, para receber as projeções de dois dos nove filmes que compõem a mostra. Projetados nas placas translúcidas, eles vazam e têm um efeito muito bonito” – ressalta.

Iole conta que desejava que as pessoas fossem abraçadas assim que abrissem a porta do espaço ex-

positivo. “É isso que ocorre”, diz. “A luz em movimento de *Light Work* (1972), nessa grande curva de 6 metros, é o trabalho que abraça as pessoas, assim que entram. É a obra mais aconchegante da mostra. Na mesma sala estão as sequências fotográficas digitalizadas, tratadas e impressas magistralmente pelo IMS do Rio de Janeiro, quase todas com 1,50 m por 1,10 m. Um contraponto potente à coisa etérea dos filmes, pura luz, com as instalações que abrigam objetos, pano esticado, vidros, espelhos e facas”, afirma a artista.

Outra instigante decisão de Iole, dentro desse propósito de fazer da exposição uma grande instalação, é o local escolhido para a exibição de *Exit* (1977): “*Ele está na porta do monta-cargas (4,5m x 3m) e ocupa toda a área. Como grande parte dele foi filmada em um loft em Nova York – um espaço extremamente duro, que havia sido uma fábrica de roupas – funcionou muito bem*”, alegre-se Iole.

A artista também ressalta a montagem das três instalações, “*o processo mais desafiador*”, e o resgate de 22 rolinhos de filmes Super 8: “*Aqueles com a capinha amarela que carreguei durante 50 anos e que agora foram digitalizados. Dentre eles, resgatei dois dos primeiros filmes que fiz com Rara, minha filha: Memória 1 e Memória 2. Não se trata de home movie, porque ali já havia toda a abordagem estética que eu buscava fazer com micro, macro, aproximações, desfocagem e com muita presença da luz. Esses são de 71 e 72; os outros todos são de 72 e 73*”, conclui Iole.

AS OBRAS

Entre as obras presentes na mostra está a série fotográfica *Spectro* (1972), composta por três imagens da artista, tomadas por ela mesma em ambientes domésticos, como o interior de sua casa ou do ateliê. As fotografias mostram Iole a partir de diferentes ângulos, numa investigação dos gestos e formas de um corpo que parece se recusar a ser enquadrado ou domes-

ticado pela câmera, e que interroga múltiplas possibilidades de autorrepresentação.

Os temas da luz, da leveza e da transparência, contidos em *Spectro*, também aparecem nas séries *Jump to the Other Side and Win a Red Kimono* (1973), nas quais a imagem de Iole é capturada no reflexo de uma janela, e *Roots*, (1973), que registra os pés da artista.

Outro ponto alto da exposição é a série *Glass Pieces, Life Slices* (1975), apresentada na Bienal de Paris. Nas fotografias, a artista interage com espelhos – objetos que, assim como a câmera, capturam e cortam sua



Iole de Freitas, *Glass Pieces, Life Slices* (Cacos de vidro, Fatias de vida), Milão, 1975

imagem, num jogo de representações que revelam e ao mesmo tempo escondem a figura da artista.

A poética do corpo também é o cerne desses trabalhos, como pontua Salzstein: *“Os versáteis aparelhos Super 8, então saudados por muitos artistas por sua leveza e mobilidade, eram experimentados por Iole como extensões de seu corpo – e marcavam o surgimento de uma série de registros audiovisuais, dos quais seu corpo emergia, potencializado e envolvente, em fragmentos múltiplos, mediante uma linguagem de luz e de presença. Junto à exploração da imagem em movimento, que lhe permitia adentrar espaços densos e complexos, atravessados por sombras e reflexos, Iole lançou-se, ao longo daqueles anos, ao registro fotográfico do próprio*

corpo – sempre interrogando um mais além, em performances despojadas, silenciosas, sem audiência – nas quais frequentemente é possível flagrar o ato da artista acionando o disparador do aparelho fotográfico.”

A mostra traz ainda os filmes *Elements* (1972), *Light Work* (1972) e *Exit* (1973), registrados em super-8, e a reconstrução de três instalações: *Glass Pieces*, *Life Slices*, originalmente apresentada na Galeria Giancarlo Bocchi (Milão), em 1976; *EXIT*, obra realizada para a individual da artista na Galeria Marconi (Milão), em 1977; e, por fim, *Cacos de vidro, fatias de vida*, que explora projeções de slides da série *Glass Pieces*, *Life Slices* sobre lâminas de vidro, remetendo ao trabalho dedicado à 16ª Bienal de São Paulo, de 1981.



Iole de Freitas, obra em preparação para a exposição *Iole de Freitas, Colapsada, em pé*, em julho no Instituto Tomie Ohtake
Foto: Iole de Freitas

NA LINHA DO TEMPO, MAIS UMA EXPOSIÇÃO EM SÃO PAULO

A inquietude inesgotável do processo criativo da artista materializa-se também na mostra *Iole de Freitas: Colapsada, em pé*, que será inaugurada em julho no Instituto Tomie Ohtake, com curadoria de Paulo Miyada. As duas exposições estarão em cartaz simultaneamente, entre julho a setembro.

Nas conversas com Miyada sobre os trabalhos que seriam apresentados no espaço, Iole surpreendeu, quando disse que não queria fazer nada do que já havia feito.

“É uma produção inteiramente nova, com gestos e processos inaugurais na trajetória dela. Na instalação que ocupará o grande hall do Instituto, Iole metaboliza literalmente a história de sua produção de instalações dos últimos 20 anos”, conta o curador, ao destacar a coragem da artista: *“Ela teve um tipo de ousadia rara, praticamente sem precedentes: foi para a carne de obras icônicas produzidas há duas décadas para montar a nova instalação com os materiais que usou anteriormente”.*

“Eu queria fazer algo como um tsunami”, diz Iole. *“Mandeí descer tudo que estava na parte de cima do ateliê, joguei no chão todas as linhas das minhas grandes instalações desde 1999 e fui recompondo a nova obra, cortando o mínimo possível, trabalhando as linhas já feitas, sem comprar material novo. A primeira parte da nova instalação está pronta e já tem 8,5 m x 9 m”.* A nova peça – que terá 20m x 9m x 6,5m – apoia-se sobre o solo e se ergue como um abrigo aberto com movimento.

Outra grande novidade da mostra no Tomie Ohtake é a volta da dança no trabalho de Iole, o corpo em si. *“A ex-*

periência pregressa com a dança na inserção das artes visuais formava o processo dela; e isso era sempre uma espécie de leitura que se baseava na sua biografia para criar hipóteses de relações de linguagem. Agora, depois de 60 anos, ela voltou a dançar”, revela Paulo Miyada.

A artista empregou a dança como modo de apreensão do espaço e concepção da forma pela primeira vez, desde a década de 1960. Fragmentos desses ensaios, realizados com seu neto Bento, serão incorporados a duas videoinstalações inéditas.

As duas mostras, que estarão em cartaz durante quase três meses simultaneamente, tangenciam-se: no IMS, Iole de Freitas apresenta uma parte de sua história, reelaborada por uma instalação contemporânea; já no Instituto Tomie Ohtake, a artista abre novos caminhos ao reprocessar elementos constitutivos de sua trajetória, como a dança e a matéria de suas instalações.

Ana Ligia Petrone

SERVIÇO

Exposição *Iole de Freitas, anos 1970 /*

Imagem como presença

Abertura: 6 de maio

Visitação: até 24 de setembro

IMS Paulista – Avenida Paulista, 2424, São Paulo / SP

Horário de funcionamento: Terça a domingo e feriados (exceto segundas), das 10h às 20h | Entrada gratuita

**Conversa com Iole de Freitas e Sônia Salzstein;
mediação de João Fernandes**

6 de maio, às 11h, no Cineteatro do IMS Paulista

Entrada gratuita | Lugares limitados (145 vagas)

Distribuição de senhas 60 minutos antes do evento

Limite de 1 senha por pessoa

Evento ao vivo, com interpretação em Libras